

A CIRCULAÇÃO DOS TEXTOS NA ESCOLA

*Helena H. Nagamine Brandão**

1o. Momento da Pesquisa

A partir do segundo semestre de 1991, com apoio do CNPq (como Projeto Integrado) e da FAPESP (como Projeto Temático) iniciou-se a pesquisa "A circulação dos textos na escola" com a participação de professores da USP e UNICAMP, alunos de graduação e professores do ensino médio.

A pesquisa baseou-se em dados obtidos a partir da observação de quase 1.200 horas/aula em quinze escolas da capital: escolas estaduais (comuns/padrão), escolas municipais (comuns e participantes do Projeto de Reorientação Curricular pela Via da Interdisciplinaridade – de 1989 a 1992) e uma escola particular. Foram observadas classes de 3ª, 5ª e 8ª séries.

Além dos dados obtidos pela observação direta, foram analisados também os fornecidos por uma enquete feita junto a mais de 1.000 alunos dessas mesmas escolas.

Visando à maior clareza de exposição, vou situar os objetivos da pesquisa e as atividades e resultados a eles concernentes em dois planos distintos. No primeiro deles, a pesquisa tinha como meta:

- a) estabelecer um diagnóstico da situação do trabalho com a linguagem e os textos nas escolas de São Paulo;
- b) fornecer subsídios aos professores dessas e de outras escolas para auxiliá-los na reflexão e superação dos problemas identificados, a fim de alcançar uma qualidade nova no seu trabalho pedagógico com os textos e a linguagem.

Do ponto de vista teórico, o trabalho do grupo fundamentou-se basicamente numa concepção dialógica e interacionista da linguagem, inspirada em Bakhtin; numa concepção construtivista da educação, inspirada sobretudo em Vigotsky; e em concepções de pedagogos progressistas como Paulo Freire. Acreditamos que essas concepções estão de acordo com uma visão democrática da educação, tanto no que se refere à forma de organização do sistema escolar e da sua instituição básica – a escola –, quanto no que se refere à forma de relação entre educador e educando.

* Doutora em Letras. Professora de Língua Portuguesa na USP – DLCV.

Como instrumento de trabalho lançamos mão de teorias tanto lingüísticas como literárias e comunicacionais que nos têm permitido analisar a dinâmica dos textos e dos seus contextos, incluindo aí a relação texto-leitor. Essas teorias nos permitem conceber e concretizar a noção de **circulação** nos diferentes níveis intra e extra-textos, noção chave no projeto.

Assim, de início, as questões fundamentais que nos colocamos foram: a) que textos circulam na escola hoje? ; b) como esses textos circulam?

O projeto – sob a coordenação geral de Ligia Chiappini, professora titular do Departamento de Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) – se desdobrou então em três subprojetos de pesquisa:

- *a circulação de textos produzidos por alunos* – coordenado pelo professor João Wanderlei Geraldi, do Instituto dos Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas (Unicamp);
- *a circulação de textos lidos por alunos* – coordenado pelas professoras Helena H. Nagamine Brandão e Guaraciaba Micheletti, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP);
- *a circulação de textos não instituídos tradicionalmente como textos escolares* - coordenado pelo professor Adilson Odair Citelli, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

O grupo de pesquisa, na sua origem, era constituído por cerca de 20 pessoas e passou depois a constituir-se de aproximadamente 30 integrantes. Descrevo a seguir, muito sucintamente, alguns aspectos trabalhados em cada um dos subprojetos:

A Circulação de Textos Produzidos por Alunos

O trabalho deste grupo se desenvolveu segundo três perspectivas:

- 1) de um lado, a análise dos processos didáticos desenvolvidos em sala de aula, em que a atividade de escrever emerge;
- 2) de outro, a análise dos produtos desses processos – os próprios textos dos alunos;
- 3) e, por último, construção de subsídios para professores de 1º grau.

Para que as respostas obtidas pudessem abranger todos esses aspectos¹, os estudos e discussões dos grupos centraram-se inicialmente nas distinções entre oralidade e escrita e suas diferentes funções em sala de aula. A análise das observações contidas nos relatórios dos pesquisadores permitiu constatar que a linguagem

¹ Informações retiradas do relatório de J. Wanderley Geraldi enviado ao CNPq.

verbal atravessa todas as discussões em ambas as modalidades – oral e escrita – mas cada modalidade tem diferentes funções. Constatada a raridade de episódios de produção de textos pelos alunos, *ie.*, de produção das chamadas “redações”, e constatado também que na maior parte do tempo é a fala, a oralidade do professor e, mais raramente, a dos alunos, o que se escuta, a impressão que se tem é a de que a modalidade oral domina o ambiente de sala de aula. Um olhar mais atento, no entanto, mostrou que a escrita é uma constante na escola; ela está presente nos ditados, nas cópias, nos resumos, nos esquemas, nas anotações dos alunos, nas paráfrases, nas respostas a questionários, exercícios, etc.

Paradoxalmente, se de um lado os dados apontam para a raridade de produção de textos pelos alunos, por outro lado mostram uma presença muito forte da escrita na sala de aula através dessas atividades normalmente não incluídas nos estudos sobre produção de textos escolares. Ao se interrogar sobre o sentido desta presença, constatou-se que na sala de aula a oralidade ocupa um espaço secundário. Seu predomínio temporal – nas explicações do professor, nas questões e respostas dos alunos – funciona como uma espécie de tempo de preparo para aquilo que realmente é importante – e o que é importante será registrado por escrito como conhecimento, como conteúdo ensinado/aprendido.

Dessa forma, a modalidade escrita, dentro da instituição escolar, tem prioridade sobre a oralidade. A escrita que emerge nessas diferentes atividades apaga a heterogeneidade de vozes que marca a modalidade oral.

Esse foi um dos tópicos trabalhados pelo primeiro subprojeto. Outros igualmente o foram, e constituíram matéria de ensaios que foram reunidos num pré-livro.

Aliás, cada subprojeto reuniu os resultados de seus trabalhos num pré-livro, constituindo-se assim uma coleção de três volumes a que denominamos: **Aprender e ensinar com textos**.

O volume 1, **Aprender e ensinar com textos de alunos**, ficou assim constituído:

- A circulação dos textos na escola: um projeto de formação-pesquisa – por Ligia Chiappini (esta apresentação aparece nos três volumes).
- Da redação à produção de textos – por João Wanderlei Geraldi.
- Escrevendo e falando em sala de aula – por Claudinéia B. Azevedo e Marlene C. Tardelli.
- Sobre o que se escreve na escola – por Elisa Duarte Teixeira.
- Ensinando a escrever – por Maria Madalena Iwamoto Sercundes.
- Reescrevendo o texto: a higienização da escrita – por Conceição Aparecida de Jesus.
- Uma terceira margem – por Beatriz Helena Marão Citelli e Ivanhoé Robson Marques Bonatelli.

A circulação do texto didático e didatizado

A análise dos episódios de leitura observados pelos pesquisadores teve como objetivo responder a duas questões centrais: a) **que tipos de textos** escritos são lidos na escola?; b) **como** são lidos? Essas indagações levaram o grupo não só a refletir sobre a concepção do ato de ler subjacente às práticas observadas como a buscar, no interior de uma teoria dialógica de linguagem, uma concepção de leitura voltada para a formação de um leitor crítico. Por “leitor crítico” queremos designar, resumidamente, aquele que se propõe como co-enunciador, que dialoga com o texto, que concebe o ato de ler como trabalho, que, mobilizando seus conhecimentos lingüísticos, textuais e de mundo, faz da leitura uma atividade de atribuição de sentidos.

Pois bem, mas o que a escola propõe para leitura? De um modo geral, os relatos dos pesquisadores apontaram para os textos do livro didático. Passamos então a observar os manuais adotados nas escolas observadas. Os procedimentos recomendados por esses manuais, quer direta quer indiretamente, desenvolvem-se numa seqüência de atos ritualísticos de forma tão codificada que, pela sua fixidez metodológica, criam automatismos inibidores para um projeto educacional centrado na interação e no desenvolvimento crítico dos educandos.

A análise desses manuais didáticos é matéria de um longo ensaio que abre o segundo volume da coleção, **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**, onde são tratados os seguintes temas:

- Apresentação por Ligia Chiappini.
- Introdução – por Helena H. Nagamine Brandão e Guaraciaba Micheletti.
- A leitura do texto didático e didatizado – por Ana Claudia da Silva, Magali Elisabete Sparano, Maria Stella Aoki Cerri e Rosemeire Carbonari.
- Cópia e leitura oral: estratégias para ensinar? – por Ana Claudia da Silva e Rosemeire Carbonari.
- Compreendendo textos: o questionário e o vocabulário - por Marcela Cristina Evaristo.
- O poema, um texto marginalizado – por Ana Elvira Luciano Gebara.
- A circulação do paradidático no cotidiano escolar – por Ana Maria Bonato Garcez Yasuda e Maria José Ciccone Teixeira (colaboradora).

A circulação de materiais não institucionalmente escolares

O subgrupo que estuda os materiais não tradicionalmente didáticos colocou como objetivos responder as seguintes questões: a) as linguagens não formais escolares produzidas pelo rádio, cinema, TV, por exemplo, circulam pela sala de

aula?; b) são incorporadas pela instituição escolar e trabalhadas pelos professores?; c) há uma interação entre essas linguagens e a linguagem verbal?

Os “diários de campo” mostraram que raras foram as aulas observadas em que se fez algum tipo de articulação entre a matéria desenvolvida e as sugestões derivadas dessas linguagens não institucionalmente escolares. Anotaram-se poucas propostas que visavam ao aproveitamento ou ampliação de alguma atividade derivada da convivência do aluno com a música, o filme, a novela, a propaganda. Nada sobre como os telejornais operam com as notícias, nada sobre os *outdoors*, o *videogame*, etc. A questão era saber se o fato de a escola fazer de conta que o “mundo de fora” pouco importava ao “mundo de dentro” resultava do fato de os alunos serem indiferentes às novelas, aos telejornais, aos ídolos da música, etc.

Para isso o grupo aplicou um questionário junto aos alunos das escolas abrangidas pelo projeto e os dados computados revelaram uma realidade diversa daquela constatada nas observações de aula. Os alunos vivem uma intensa experiência com as linguagens de massa e promovem uma circulação que resulta em discussões, troca de experiências, estratégias de socialização que, contudo, se obliteram e se refugiam na zona do silêncio no momento socializado da aula².

Os bolsistas deste subgrupo redigiram ensaios sobre os tópicos de maior relevância apontados no questionário e que constituem o terceiro volume da coleção **Ensinar e aprender com textos**:

- Apresentação por Ligia Chiappini.
- Escola e meios de massa – por Adilson Odair Citelli.
- Televisão, publicidade e escola – por Eliana Nagamini.
- Telejornal: o cotidiano em sala de aula – por Patricia Christina Montezano.
- O jornal e a prática pedagógica – por Fernando Valeriano Viana e Ynaray Joana da Silva.
- Super-homem, Mônica e Cia. – por Kazuko Kojima Higuchi.
- Teatro: recurso lúdico e pedagógico – por Carla Diniz Lapenda.
- Jogos interativos e cotidiano escolar – por José Luiz Miranda.

Esses ensaios foram publicados em forma de pré-livros, isto é, de uma edição experimental, que foi objeto de discussão em seminários internos e externos com leitores críticos voluntários, professores das escolas observadas, professores do 1º grau e alunos de letras que participaram de um curso de difusão cultural ministrado pelos integrantes do projeto em novembro de 1994. Visou-se com isso à reformulação dos ensaios e à edição definitiva dos três volumes pela Editor Cortez. O lançamento está previsto para início de 97.

² Informações retiradas do relatório de Adilson Citelli enviado ao CNPq.

Retornando ao início da minha exposição quero lembrar que, visando a uma maior clareza, disse que colocaria os objetivos do Projeto em dois planos. Passo, então, aos objetivos do segundo plano, que dizem respeito diretamente à constituição do próprio grupo de pesquisa e ao formato assumido pelo projeto. São eles:

"1) Formar pesquisadores jovens tanto teoricamente quanto na visão prática dos problemas do ensino, em especial do ensino da língua portuguesa, sensibilizando estudantes de Letras para as questões que a prática pedagógica no 1º e 2º graus coloca à pesquisa universitária;

2) identificar e sistematizar novas linhas de pesquisa que a realidade escolar nos coloca e que pedem um trabalho na confluência de diferentes áreas como a lingüística, a teoria literária, as teorias das comunicações e as chamadas ciências da educação."

Nesses objetivos podemos ressaltar os seguintes aspectos:

- o caráter interdisciplinar de que se reveste o trabalho por imposição do seu próprio objeto – o texto na escola – que nos força a sair das delimitações mais estreitas da pesquisa acadêmica, obrigando-nos a levar em conta a dinâmica escolar e as relações entre áreas que na Universidade são mais autônomas, tais como os estudos de língua, literatura e comunicação de massas;
- além de interdisciplinar, o trabalho é interinstitucional, envolvendo docentes e alunos de cursos de Letras, Comunicações e Educação da USP e do IEL – Unicamp;
- outro aspecto a ressaltar é o fato de ser um projeto, no neologismo de Ligia Chiappini, 'intergeracional', pois envolve várias categorias de pesquisadores e conseqüentemente de diferentes faixas etárias, desde professor titular, doutores, professores secundários experientes, a jovens bolsistas de aperfeiçoamento e iniciação científica.
- finalmente, destaco a preocupação central no projeto com a interformação. É interessante verificar o efeito multiplicador do projeto que, ao longo desses anos de convivência, tem provocado uma intensa mobilidade funcional no quadro dos seus integrantes: bolsistas de Iniciação Científica que passaram para Aperfeiçoamento, abrindo vagas para a entrada de novos bolsistas; bolsistas de Aperfeiçoamento que entraram para a Pós-Graduação. O grupo tem vivido dinamicamente essa heterogeneidade, incorporando e adaptando-se às diferenças e mudanças de papéis e funções de seus membros. A 1ª etapa desta pesquisa encerrou-se em fevereiro de 1996.

2o. Momento: A circulação dos textos na escola II

Tendo em vista: a) os resultados alcançados no período de vigência da pesquisa; b) a constatação de que o trabalho deste grupo de pesquisa pautou-se por uma dinâmica diferenciada e relevante do ponto de vista da formação científica; c) a responsabilidade social da universidade em atender a demanda do ensino médio (claramente colocadas e "cobradas" no seminário aberto com os professores-leitores críticos dos pré-livros, realizado em 10/06/95), apresentamos ao CNPq proposta de continuidade do projeto integrado. Aprovado para o período de agosto/96 a fevereiro/98, iniciamos nova fase do projeto.

Nesta nova fase, pretendemos:

- a) ampliar e atualizar as atividades de diagnóstico do corpus de pesquisa com a inclusão do segundo grau;
 - b) desenvolver propostas conjuntas de antologias de textos diferenciados, atendendo a demanda dos professores do ensino médio;
 - c) elaborar textos de caráter mais acadêmico sobre o tema provisoriamente definido no título: "Linguagem, literatura e meios de comunicação de massas";
 - d) promover encontros com os professores do ensino médio para dar conhecimento e debater as propostas de trabalho.
- Para atingir essas metas, o trabalho tem-se desenvolvido em quatro sub-grupos:

I. Sub-grupo coordenado por Adilson Citelli.

Participantes: Jafé Lima da Silva (bolsista de Iniciação Científica); Luciano B. Toriello (bolsista de Iniciação Científica), Ynaray J. da Silva (bolsista de Aperfeiçoamento); Salete T. de Almeida (colaboradora), Eliana Nagamini, Kazuko Kojima (mestrandas).

O sub-grupo tem-se colocado como metas:

- a) a elaboração, aplicação, tabulação e análise dos dados de um questionário a professores de ensino médio sobre presença, utilização e experiência em sala de aula das linguagens mediáticas, ampliando o corpus da 1ª. fase, quando um questionário foi aplicado aos alunos;
- b) leitura de textos de autores como Pierre Levy visando ao suporte teórico e inserção crítica do grupo em relação ao problema das linguagens mediáticas;
- c) elaboração de material para a antologia de textos; alguns temas foram definidos e estão sendo trabalhados: Linguagens informáticas na

escola, a organização da violência sob a sintaxe da mídia, rádio e educação.

2. Sub-grupo coordenado por Guaraciaba Micheletti.

Participantes: Geralda A. Dias, Letícia Paula Peres (bolsistas de Iniciação Científica); Magali E. Sparano (bolsista de Aperfeiçoamento); Ana Elvira Gebara, Ana M. Bonato, M. Stella Aoki Cerri (mestrandas).

O trabalho deste grupo envolve duas frentes³:

- a) preparação de material para a antologia de textos literários contemporâneos, respondendo às solicitações dos professores de um material mais extenso e detalhado para subsidiar seu trabalho em aula;
- b) pesquisa de campo sobre o ensino do texto literário no 2o. grau: observação de aulas e registro das atividades que dizem respeito ao ensino da literatura. Inclui-se aqui observações sobre o ensino da gramática já que a proposta de trabalho do subgrupo é que se parta do material lingüístico do texto para o ensino da história literária.

A pesquisa deste subgrupo parte das seguintes hipóteses:

- a) as obras são dadas a conhecer ao aluno por meio de fragmentos que se inscrevem nos limites do livro didático;
- b) o enquadramento de obras e autores em determinadas "escolas literárias", sem uma leitura dos textos;
- c) apresentação de quadros histórico-culturais dissociados da produção – quadros esses que pretendem dar conta dos contextos;
- d) como consequência desse trabalho: a imagem distorcida que se transmite para o leitor do que seja um texto literário.

3. Sub-grupo coordenado por Helena Nagamine Brandão

Participantes: Ana Paula Leibruder, Luciana M. de Jesus (bolsistas de Iniciação Científica); Daniela Macedo Tavares, Marcela Cristina Evaristo, (bolsistas de Aperfeiçoamento); M. Flora Guimarães, M. Madalena Sercundes, Marlete C. Tardelli (mestrandas).

Tendo como retaguarda os mesmos pressupostos teóricos que nortearam a 1a. fase do nosso trabalho (Análise do Discurso e o diálogo interdisciplinar com a Pragmática, a Lingüística Textual e a Teoria da Enunciação), no subgrupo por mim coordenado, temos desenvolvido as seguintes atividades:

³ Dados retirados do texto apresentado por G. Micheletti na mesa-redonda "A pesquisa em lingüística, teoria literária e teoria da comunicação aplicada à educação" em 10/11/96 no Centro Cultural Maria Antônia.

- a) pesquisa de campo sobre o ensino do texto verbal, sobretudo aquele tido não específica e canonicamente como material de circulação escolar, visando a um diagnóstico de como se dá a sua abordagem lingüístico-textual-discursiva;
- b) elaboração de material para uma antologia de textos e estudos das especificidades dos diferentes gêneros/tipos textuais, mostrando como o aspecto institucional que gera toda produção textual, as determinações genéricas e a destinação do texto estão aí inscritos e podem ser buscados nas suas marcas lingüísticas.

Estamos trabalhando com textos de três modalidades discursivas:

- * narrativas de caráter popular: as chamadas formas simples, isto é, formas fundamentais profundamente enraizadas na língua e na vida e de tradição originariamente oral; lendas, mitos, contos populares. A esta lista pensamos acrescentar o cordel, pela oralidade e também por poder ser considerada uma forma popular de narrativa tipicamente nossa;
- * discurso político: nas suas diferentes manifestações textuais desde o oral ao escrito passando pelo escrito falado: debate ou entrevista, a propaganda eleitoral, pronunciamentos políticos, o comentário político formador de opinião como o editorial; discursos cuja marca comum é a persuasão;
- * discurso da vulgarização/divulgação científica: textos segundos que têm como fonte um discurso primário. São textos informativos e marcadamente da língua escrita.

O percurso que vai das narrativas populares, passando pelo discurso político, até o discurso da vulgarização científica vai nos permitir passar do oral ao escritural; isto é, de textos marcados pela oralidade ou de fonte oral para textos caracterizadamente da língua escrita.

4. Subgrupo dos coordenadores do projeto:

Tem-se trabalhado em dois níveis:

- a) reuniões de estudos para discussão de elementos teóricos de interesse geral e que afetam os específicos de cada subgrupo;
- b) elaboração de ensaios de caráter mais acadêmico por cada um dos coordenadores. A seguir, uma síntese das propostas de trabalho de cada um⁴.

⁴ Dados retirados do relatório da reunião do grupo realizada em 10/10/96 e redigido por Lígia Chiappini.

Lígia Chiappini: pretende abordar a especificidade da pesquisa acadêmica com literatura, mapeando campos e inventariando conceitos. Por um lado partiria das revisões que a história e a crítica literárias fazem de determinados autores tradicionalmente estudados no secundário; por outro, perguntar-se-ia em que medida as leituras já consagradas pela Academia podem ser problematizadas à luz das leituras realizadas no cotidiano escolar por professores e alunos de 1o. e 2o. graus. Quanto à teoria literária, interessa-lhe destacar alguns conceitos que explícita ou implicitamente têm estado presentes nas propostas mais recentes de trabalho com os textos literários em sala de aula. Trata-se de conceitos como: plurissignificação, ambigüidade, autonomia da obra literária, verossimilhança e coerência; noções de técnica poética ou ficcional, tais como sonoridade e ritmo, imagem, foco narrativo, espaço, tempo, entre outras; a própria noção de forma simples, tão importante para entender as relações entre oralidade e escrita na literatura.

Os princípios e conceitos da estética da recepção, o conceito de indeterminação de um Ingarden, os vazios de Iser, o horizonte de expectativa de Jauss, mas também as relações mais tradicionalmente estabelecidas pela hermenêutica entre comentário, análise e interpretação. Enfocaria também o problema da formação de tradições e cânones, bem como as suas rupturas, discutindo a questão do valor.

Adilson Citelli: Pretende aprofundar seus estudos na área de Comunicação e Educação, carreando para eles toda a sua experiência de trabalho com textos literários e não literários. Com esse objetivo vem realizando com os bolsistas de seu subgrupo leituras sobre as novas tecnologias, começando com a obra de Pierre Levy. Fundamental para isso será discutir a noção de sujeito coletivo que subjaz às novas teorias, problematizando as análises que se fazem dos produtos da mídia, através do exame de processos de ficcionalização e das relações entre imagem e linguagem verbal.

Guaraciaba Micheletti: A partir das possibilidades que a estilística oferece para relacionar os textos com seus contextos, pretende inverter o método utilizado pela história literária que traça os contextos para nele encaixar os textos, propondo um trabalho analítico como ponto de partida, caminhando dos textos aos contextos, o que pode ser de muita importância não apenas para o ensino da literatura no segundo grau, mas também para uma revisão teórica e prática da História Literária.

J. Wanderley Geraldi: Pretende aprofundar o problema da "artificialidade dos textos produzidos pelos alunos em contexto escolar", retomando os "rituais de sala de aula" e indagando sobre a existência ou não de um gênero textual específico de sociedades escolarizadas não equiparável ao uso da escrita em outras instituições sociais.

Helena N. Brandão: O objeto de trabalho será o discurso pedagógico a ser analisado em três instâncias:

- a) inicialmente, através da observação empírica ver-se-á como esse discurso acontece analisando os registros feitos nos diários de campo e

em documentos autênticos. Algumas categorias de análise serão selecionadas: umas ao nível lingüístico-discursivo, sobretudo relativas às práticas de leitura e outras, ao nível da interação inter-subjetiva que se instaura no espaço/tempo da aula;

- b) considerando o discurso pedagógico como um discurso derivado de um discurso primeiro, o da ciência lingüística, e que tem como finalidade a sua divulgação a um público mais amplo – professores de primeiro e segundo graus – pretende-se analisar como determinados conceitos passam de um discurso para outro. Isto é, procurar-se-á verificar como se dá a presença do discurso científico-acadêmico, como a voz da academia se manifesta na sala de aula;
- c) finalmente, pretende-se analisar a relação do discurso pedagógico com outras formações discursivas, isto é, o seu nível de interdiscursividade. Em decorrência do caráter didático de que se reveste o discurso pedagógico, a hipótese é a de que em vez de um discurso meramente referencial ele apresenta também um caráter persuasivo. Nesse sentido, serão analisados os atos de fala produzidos na sala de aula, a interação professor-aluno, verificando os lugares da persuasão.

Uma observação final: Como se viu, na medida em que o objeto deste relato é um trabalho coletivo, muito mais que meu, esse texto é de todos do grupo de que me faço apenas porta-voz. Assim, como a pesquisa se desenvolve a muitíssimas mãos, ele se tece polifonicamente das diferentes vozes que integram o projeto.